

Aproximações entre Nietzsche e Eça de Queiroz acerca do problema da consciência histórica no imaginário cultural oitocentista

Similarities between Nietzsche and Eça de Queiroz about the historical consciousness of the problem in the cultural imaginary nineteenth century

Renato Nunes Bittencourt²⁵⁴

Resumo: O artigo apresenta a leitura do romance de Eça de Queiroz, *A ilustre casa de Ramires*, a partir de um aparato crítico nietzschiano delineado em suas interfaces historiográficas, enfatizando a ambivalência do sentido da consciência histórica para a vida.

Palavras-chave: Memória. Consciência Histórica. Glória. Ação . Criatividade.

Abstract: The article introduces the reading from the novel by Eça de Queiroz, *The Illustrious House of Ramires*, from a critical apparatus account outlined in its historiographical interfaces, emphasizing the ambivalence of the sense of historical consciousness to life.

Keywords: Memory. Historical Consciousness. Glory. Action . Creativity.

Introdução

A questão do uso do conhecimento histórico na formação cultural e política de um povo e seus inerentes desdobramentos axiológicos na configuração ética da vida individual é tema recorrente na obra de importantes pensadores do período da modernidade oitocentista. Neste presente artigo, privilegio as considerações de Nietzsche acerca da ambivalência do uso da História para a vida, assim como o tema do conhecimento histórico na obra literária de Eça de Queiroz, mais precisamente no seu romance de maturidade *A ilustre casa de Ramires*, para que possamos constatar possíveis convergências axiológicas entre ambos os autores, ressaltando assim a importante associação que podemos realizar entre as perspectivas da Filosofia e da Literatura conjugadas graças ao tecido crítico da Teoria da História. Cabe ressaltar ainda que, em vista da gravidade do tema, de modo algum poderíamos prescindir do uso de outras importantes obras de suma importância para

²⁵⁴ Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor da FACC-UFRJ e do Curso de Especialização em Pesquisa de Mercado e Opinião Pública da UERJ. E-mail: renatonunesbittencourt@gmail.com . Data de submissão 15/10/2015 e aceite em 10/11/2015.

a elucidação das questões apresentadas no artigo, conforme se constatará através da leitura das linhas a seguir.

O problema da história na Filosofia de Nietzsche

Nietzsche, na sua *Segunda Consideração Intempestiva*, publicada em 1874, versa sobre a importância e o malefício do uso da História para a vida, justificando, para tal empreendimento filosófico, a necessidade de se investigar a proposta latente na perspectiva do historicismo acadêmico em voga ao longo da modernidade oitocentista, que consistia na tentativa de compreender a existência do homem e do próprio mundo como decorrência de um encadeamento puramente racional (inteligível), que se manifestaria de modo mais acabado na ação humana formadora do processo histórico das sucessivas civilizações do mundo. Conforme Nietzsche,

Pensada como ciência pura e tornada soberana, a História seria uma espécie de conclusão da vida e balanço final para a humanidade. A cultura histórica só é efetivamente algo salutar e frutífero para o futuro em consequência de uma nova, poderosa e salutar corrente de vida, do vir a ser de uma nova cultura, por exemplo; portanto, só se ela é dominada e conduzida por uma força mais elevada e não quando ela domina e conduz [...] A História, uma vez que se encontra a serviço da vida, se encontra a serviço de um poder a-histórico, e por isto jamais, nesta hierarquia, poderá e deverá se tornar uma ciência pura, mais ou menos como o é a matemática.²⁵⁵

A corrente historicista, sendo herdeira da filosofia idealista de Hegel, preconizava a intervenção de uma ordem providencial sobre a Terra e vislumbrava fazer do conhecimento histórico o saber primordial pelo qual se alcançariam as respostas para as grandes indagações da condição humana. Nessas condições, mesmo as mais contraditórias ações humanas, efetivadas através dos conflitos entre os povos, fariam parte dos desígnios do Plano Divino para o estabelecimento de seus projetos teleológicos de progresso espiritual do gênero humano, pois a ação humana seria o reflexo imanente da própria obra divina da Terra. Para Hegel,

A História Universal é o processo desse desenvolvimento e do devir real do espírito no palco mutável de seus acontecimentos – eis aí a verdadeira teodiceia, a justificação de Deus na História. Só a percepção disso pode reconciliar a História Universal com a realidade: a certeza de que aquilo

²⁵⁵ NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, p. 17.

que aconteceu, e que acontece todos os dias, não apenas não se faz sem Deus, mas é necessariamente a Sua obra.²⁵⁶

Nessa concepção filosófica, as constantes transformações materiais, culturais e políticas das civilizações proeminentes na história da humanidade decorreriam da consolidação da ideia de liberdade no mundo concreto, garantidas pelo caráter de racionalidade presente na realidade, conforme a sentença célebre, “o racional é real, o real é racional”.²⁵⁷

Contudo, contrariando o otimismo latente no discurso hegeliano, o pensamento trágico postula que as contradições da realidade não promovem uma junção harmoniosa ulterior; a contingência é o primado da existência e os antagonismos movimentam as expressões vitais, mas sem que ocorra qualquer síntese ordenadora definitiva. No presente momento da argumentação, podemos nos beneficiar das contribuições de Georg Simmel acerca da consciência histórica, uma vez que este grande pensador se inspirou profundamente nos fundamentos filosóficos nietzschianos:

A vida vivida, linear, é caótica do ponto de vista do sentido mas contínua do ponto de vista da cronologia. Quando combinamos séries psíquicas de desenvolvimento segundo o sentido, corrigimos o acaso com o qual, para construir-se, a vida, vacilante e incoerente – incoerente precisamente por causa de sua coerência temporal -, retira esse ou aquele elemento das suas séries lógicas de conteúdos.²⁵⁸

A pretensa teleologia divina condutora do processo histórico retiraria da própria existência o seu fundamento imanente, transferido para uma esfera abstrata, da qual derivaria o sentido lógico que garante a efetivação do mundo concreto, como se este fosse um brinquedo, desprovido de genuína liberdade criadora. Tal concepção reflete uma conotação moral, pois o aprimoramento do homem e da sociedade decorreria de um projeto divino realizado na dimensão sensível, anulando o poder genial latente em cada cultura. Nietzsche, com acentuada ironia, argumenta que

²⁵⁶ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Filosofia da História**. Trad. de Maria Rodrigues e Hans Harden. Brasília: EdUnB, 1999, p.373.

²⁵⁷ HEGEL, **Princípios de Filosofia do Direito**. Trad. de Orlando Vitorino. São Paulo: Martins Fontes, 2003.p. XXXVI.

²⁵⁸ SIMMEL, Georg. **Ensaio sobre Teoria da História**. Trad. de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011, p. 65.

Chamou-se, com escárnio, esta história compreendida hegelianamente o caminhar de Deus sobre a terra; mas um Deus criado por sua vez através da história. Todavia este Deus se tornou transparente e compreensível para si mesmo no interior da caixa craniana de Hegel e galgou todos os degraus dialeticamente possíveis de seu vir a ser até a sua auto-revelação: de modo que, para Hegel, o ponto culminante e o ponto final do processo do mundo se confundiriam com a sua própria existência berlinense²⁵⁹

Eis, em linhas gerais, os problemas decorrentes da perspectiva metafísica presente na concepção hegeliana do processo histórico, de acordo com as críticas empreendidas por Nietzsche. Contudo, cabe também versarmos sobre o vínculo que havia entre a visão de mundo historicista e a busca desenfreada pelo conhecimento, capitaneada pela figura denominada por Nietzsche criticamente como o “homem erudito”, que “consiste numa rede misturada de impulsos e excitações muito variadas, é um material impuro por excelência”.²⁶⁰ De nada adianta o excesso de erudição se porventura esse conjunto de dados informativos não se transforma em um nível de conhecimento aplicável ao plano concreto das ações e não capacita o desenvolvimento da criatividade pessoal.

Ao longo da modernidade oitocentista, a atividade historiográfica granjeou uma elevação no seu estatuto epistêmico, sendo considerada como uma ciência cujo método investigado em nada devia ao aplicado pelas ciências da natureza. Na intelligentsia acadêmica, havia a proposta de se tentar interpretar todo tipo de ação humana no mundo pelas categorias do discurso histórico, circunstância que evidenciava o projeto delimitador desses intelectuais, reclusos em uma possibilidade monolítica de compreensão do mundo. O conhecimento histórico decorria de um anseio pela compreensão adequada e irrestrita dos acontecimentos do passado, para que este tivesse os seus fundamentos e eventos desvelados minuciosamente pelo homem moderno. O historiador idealista do Oitocentismo europeu se caracterizava por dirigir o seu olhar perscrutador para o passado acreditando que, dessa maneira, poderia conhecer o sentido existencial de seu próprio tempo. Para Nietzsche, o conhecimento da História, de acordo com o modo pelo qual é utilizado pelo investigador, pode ser imputado seja como benéfico ou como maléfico para o desenvolvimento adequado da vida, circunstância que denota a grande responsabilidade daquele que se propõe a estabelecer tal atividade inquiridora em sua existência. A rigor,

²⁵⁹ NIETZSCHE, *Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, p. 72-73.

²⁶⁰ NIETZSCHE, *III Consideração Intempestiva: Schopenhauer como educador*, p. 91. .

somente as naturezas mais fortes poderiam adentrar no estudo das searas históricas, pois esse exercício exige o autoconhecimento do sujeito, e quem adquire o autoconhecimento deve lidar corajosamente com os seus fantasmas interiores:

Certamente precisamos da história, mas não como o passeante mimado no jardim do saber, por mais que este olhe certamente com desprezo para as nossas carências e penúrias rudes e sem graça. Isto significa: precisamos dela para a vida e para a ação, não para o abandono confortável da vida ou da ação ou mesmo para o embelezamento da vida egoísta e da ação covarde e ruim. Somente na medida em que a História serve à vida queremos servi-la.²⁶¹

Vejamos então, de acordo com a filosofia de Nietzsche, uma breve exposição do gênero historiográfico por ele denominado como “História Monumental” pelo fato desta perspectiva historiográfica servir de elucidação para a minha exposição acerca do conhecimento da glória do passado como exemplo para as gerações presentes. Quando utilizamos esse conhecimento dos acontecimentos significativos do passado, através do exemplo dos grandes feitos dos homens valorosos como estímulo para o empreendimento de novas ações, a História se torna positiva e propícia para o desenvolvimento da vida, pois ela proporciona a continuidade da atividade humana, incentivando o desabrochar da criatividade nas gerações do presente, servindo assim de energia vivificante para o futuro. Um autor fundamental para compreendermos o espírito da narrativa histórica monumental é Tucídides que, na sua imponente *História da Guerra do Peloponeso* transcreve a sublime oração fúnebre pronunciada por Péricles em honra dos guerreiros atenienses mortos na luta contra os espartanos:

Falarei primeiro de nossos antepassados, pois é justo e ao mesmo tempo conveniente, numa ocasião como esta, dar-lhes este lugar de honra rememorando os seus feitos. Na verdade, perpetuando-se em nossa terra através de gerações sucessivas, eles, por seus méritos, no-la transmitiram livre até hoje. Se eles são dignos de elogio, nossos pais o são ainda mais, pois aumentando a herança recebida, constituíram o império que agora possuímos e a duras penas, nos deixaram este legado, a nós que estamos aqui e o temos [...] Parece-se me ainda que uma morte como a destes homens é prova total de máscula coragem, seja como o seu primeiro indício, seja como sua confirmação final. Mesmo para alguns menos louváveis, por outros motivos, a bravura comprovada na luta por sua pátria deve com justiça sobrepor-se ao resto; eles compensaram o mal com o bem e saldaram as falhas na vida privada com a dedicação ao bem

²⁶¹ NIETZSCHE, *Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, p. 5.

comum. [...] Assim estes homens se comportaram de maneira condizente com nossa cidade; quanto aos sobreviventes, embora desejando melhor sorte, deverão decidir-se a enfrentar o inimigo com bravura não menor. Cumpre-nos apreciar a vantagem de tal estado de espírito, não apenas com palavras, pois a fala poderia alongar-se demais para dizer-vos que há razões para enfrentar o inimigo. Em vez disso, contemplai diariamente a grandeza de Atenas, apaixonai-vos por ela e, quando a sua glória vos houver inspirado, refleti em que tudo isto foi conquistado por homens de coragem cômicos de seu dever, impelidos na hora do combate, por um forte sentimento de honra; tais homens mesmo se alguma vez falharam em seus cometimentos, decidiram que pelo menos à pátria não faltaria o seu valor, e que lhe fariam livremente a mais nobre contribuição possível. De fato, deram-lhe suas vidas para o bem comum e, assim fazendo, ganharam o louvor imperecível e o túmulo mais insigne, não aquele em que estão sepultados, mas aquele no qual a sua glória sobrevive lembrada para sempre, celebrada em toda ocasião propícia à manifestação das palavras e dos atos. Com efeito, a terra inteira é o túmulo dos homens valorosos, e não somente o epitáfio nos mausoléus erigidos em suas cidades que lhes prestam homenagem, mas há igualmente em terras além das suas, em cada pessoa, uma reminiscência não escrita, gravada no pensamento e não em coisas materiais. Fazei agora destes homens, portanto, o vosso exemplo, e tendo em vista que a felicidade é liberdade e a liberdade é coragem, não vos preocupeis exageradamente com os perigos da guerra.²⁶²

A História Monumental educa o indivíduo para a dureza da vida, sem todavia embotar sua sensibilidade e capacidade de se emocionar com os aspectos grandiosos e gloriosos da existência política; justamente por lhe propiciar esses sentimentos nobres que afirmam as virtudes da coragem e da honra, a História Monumental eleva a consciência do sujeito ao plano da imortalidade. Um indivíduo, ao tomar conhecimento de uma ação extraordinária efetivada por seus ancestrais, quando movido por um senso de ampliação da própria potência de agir, utilizará o passado glorioso como referencial para a realização das suas ações no momento presente. Nessas condições, ocorre um encadeamento que conecta, para além da distância temporal, os atos singulares dos indivíduos que se destacam da massa comum. Nietzsche afirma que

Esta é a ligação natural que uma época, uma cultura, um povo deve ter com a História – evocada pela fome, regulada pelo grau de suas necessidades, mantida sob limites pela força plástica que lhe é própria – se o conhecimento do passado, em todas as épocas, só é desejado a

²⁶² TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*. Trad. de Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. da UnB, 1997, p. 97; p. 100-101.

serviço do futuro e do presente, não para o enfraquecimento do presente ou para o desenraizamento de um futuro vitalmente vigoroso.²⁶³

Não existe ação plenamente original; mesmo Alexandre o Grande, ao realizar suas fantásticas conquistas militares e expandir as fronteiras do mundo grego pelo Oriente, briosamente inspirou-se pelas narrativas míticas acerca de Aquiles tal como enunciadas por Homero na sua *Ilíada*.²⁶⁴ Os feitos extraordinários de um grande herói recebiam na consciência épica o destaque conveniente pelo recurso da *aristéia*. A consciência historiográfica em seus caracteres monumentais, desenvolvida positivamente, portanto, demonstra que se um grande feito logrou êxito no passado, algo similar pode ocorrer no presente, sem que a realidade atual em nada deva ao acontecimento precedente. Nietzsche salienta que

Somente a partir da suprema força do presente tendes o direito de interpretar o passado: somente na mais intensa tensão de vossas qualidades mais nobres desvendareis o que há no passado digno de ser conhecido e conservado.²⁶⁵

Por outro lado, quando existe uma compreensão inadequada do conhecimento histórico dos feitos maravilhosos de outrora, cria-se uma espécie de ruptura entre a ação grandiosa do passado e a vida do homem do presente, que perde a capacidade de agir de acordo com a sua singularidade. Esse distúrbio ocorre quando o homem do presente, ao conhecer pormenorizadamente a exuberância extraordinária do passado de seu povo, se sente indigno desta magnitude, apequenando-se moralmente perante a grandeza extraordinária existente na vida dos homens do tempo de outrora. Conforme as indagações críticas de Nietzsche,

Será então que a vida deve dominar o conhecimento, a ciência, ou será que o conhecimento deve dominar a vida? Qual destes dois poderes é o mais elevado e decisivo? Ninguém duvidará: a vida é a mais elevada, o poder dominante, pois um conhecer que aniquila a vida aniquilaria ao mesmo tempo a si mesmo. O conhecer pressupõe a vida: ele tem,

²⁶³ NIETZSCHE, *Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, p. 32.

²⁶⁴ HOMERO. *Ilíada*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

²⁶⁵ NIETZSCHE, *Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, p. 56.

portanto, o mesmo interesse na conservação da vida que todo e qualquer ser tem na continuação de sua própria existência.²⁶⁶

Essa situação pode gerar o saudosismo nos homens do momento presente, tristeza que, apesar de espiritualmente nobre por se associar moralmente àquilo de grandioso que existe no passado, impede o estabelecimento de uma renovação das forças vitais atuais, procedimento necessário para que a chama do elã criativo não se apague no âmago dos sujeitos históricos. Para a consciência saudosa, sempre o passado será imputado como melhor, mesmo que no presente sejam realizadas obras magníficas; tanto pior, essa disposição valorativa pode até mesmo mitificar exageradamente o passado, escondendo suas contradições e desacertos. As colocações de Ortega y Gasset acerca da massificação cultural da modernidade tecnocrática são extremamente compatíveis com as reflexões precedentes:

A ideia de que o historiador é um profeta no sentido contrário resume toda a filosofia da história. Naturalmente só é possível se antecipar a estrutura geral do futuro; da mesma forma que, na verdade, essa é a única coisa que compreendemos do passado ou do presente. Por isso, quem quiser ver bem sua época deverá olhá-la de longe.²⁶⁷

Assim como o amor ao novo pelo novo é intrinsecamente estúpido, pois nem sempre o que é novo é bom., assim também o amor ao passado pelo simples fato de ser passado é sintoma de decadência existencial e cultural. Tal separação torna o conhecimento histórico do passado um elemento destruidor das disposições ativas do indivíduo, pois este não consegue se colocar à altura da excelência dos seus gloriosos antepassados. Por conseguinte, o conhecimento do passado monumental efetivado pelos grandes homens, utilizado inadequadamente, oprime o indivíduo do presente, que se torna, portanto, totalmente incapaz de desenvolver suas ações com a flexibilidade necessária para a ampliação da sua capacidade criativa. Conforme Nietzsche, a modernidade oitocentista sofria da doença histórica, doença moral:

²⁶⁶ NIETZSCHE, **Segunda Consideração Intempestiva**: Da utilidade e desvantagem da história para a vida, p. 96.

²⁶⁷ ORTEGA Y GASSET, José. **A Rebelião das Massas**. Trad. de Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 85-86.

Mas ela está doente, esta vida desagrilhoada, está doente e precisa ser curada. Ela está enferma de muitos males e não sofre apenas da lembrança de seus grilhões – ela sofre, o que nos diz respeito especialmente, da doença histórica. O excesso de história afetou a sua força plástica, ela não sabe mais se servir do passado como um alimento poderoso.²⁶⁸

Em suma, para Nietzsche, a compreensão monumental da História, no seu viés negativo, considera que somente no passado havia brilho e beleza, de modo que, no momento presente, seria impossível a retomada dos valores grandiosos e dignos do homem criador e da sua cultura. Após a apresentação do problema do conhecimento histórico em Nietzsche, podemos passar para a próxima etapa do presente escrito: uma interpretação da obra *A ilustre casa de Ramires*, de Eça de Queiroz, por meio do uso do pensamento nietzschiano acerca da questão do uso adequado e inadequado da História para a vida.

O Mal-estar do conhecimento da história na literatura de Eça de Queiroz

Na citada obra de Eça de Queiroz, temos como protagonista Gonçalo Ramires, um nobre lusitano que se propõe a redigir as crônicas sobre os grandes nomes antepassados de sua ilustre família, cujo legado perpassa a própria formação histórica e social de Portugal. Tal como o personagem José Castanheiro exclama:

- Sublime!... A Torre de D. Ramires!... O grande feito de Trutesindo Mendes Ramires, contado por Gonçalo Mendes Ramires!... E tudo na mesma Torre! Na Torre o velho Trutesindo pratica o feito; e setecentos anos depois, na mesma Torre, o nosso Gonçalo conta o feito! Caramba menino, carambíssima! Isso é que é reatar a tradição.²⁶⁹

Com efeito, Gonçalo, o “fidalgo da Torre”, dedica grande parte do seu tempo nesse vigoroso e extenuante empreendimento de criar uma portentosa obra que destaque toda a importância da família Ramires para a consolidação do destino glorioso de Portugal dentre as nações do mundo, abarcando toda sua contribuição para a expansão do renome lusitano pelas fronteiras internacionais: “Velha Casa de Ramires, honra e glória de Portugal!”, conforme os versos do fado tradicional enunciado diversas vezes ao longo da obra. Todavia, a possibilidade de conhecer os pormenores gloriosos do legado de seus ancestrais motiva em Gonçalo um mal-estar moral, decorrente da discrepância entre o caráter

²⁶⁸ NIETZSCHE, **Segunda Consideração Intempestiva**: Da utilidade e desvantagem da história para a vida, p. 94.95.

²⁶⁹ EÇA DE QUEIROZ, José Maria. **A ilustre casa de Ramires**. São Paulo: Ática, 1999, p. 22.

extraordinário e empreendedor dos Ramires do passado e ele, um nobre decadente que manifesta na sua vida prática apenas o esquálido reflexo dos tempos gloriosos do passado de sua distinta família, alicerce da formação da nação portuguesa.

Gonçalo sofre pela discrepância existente entre a nobreza moral de seus antepassados e sua vida desprovida de valor heroico, quase descambando para a mediocridade. Quanto mais ele conhece a importância histórica dos seus valorosos ancestrais, mais ele se angustia diante da impossibilidade de agir gloriosamente no tempo presente, atirando-se em um marasmo ético de prostração; suas inquietações não o estimulam a revolucionar seu modo de viver. Tanto pior, o sofrido empreendimento investigativo de Gonçalo o aliena da realidade do próprio meio sociopolítico no qual ele vive, de maneira que o fidalgo fica completamente absorto na contemplação do legado de seus ancestrais, deixando o seu momento presente no estado de inércia. Gonçalo não se adequa aos parâmetros axiológicos do seu próprio tempo histórico, pois o valor que chancela sua nobiliarquia na era moderna foi substituído por uma atitude pragmática e mercantil diante do mundo, muitas vezes individualista e contrária aos valores superiores da fidalguia de sangue, sem que nada se faça para destruir essa forma de compreender as relações humanas mediadas pelo dinheiro. A ideologia capitalista nivela por baixo toda individualidade.

O homem nobre do passado, em nome de sua pátria, de seu ideal moral, de sua fé religiosa, não raro sucumbia nas grandes batalhas, abdicando do desfrute da própria vida individual pelo benefício de uma causa maior do que a dele mesmo, e em tal empreendimento encontrava a sua paga, pois nada é mais importante ao herói do que a glória e a imortalidade do nome, conquistadas com sangue e com suor. Todavia, a atividade do desvalido homem da modernidade burguesa consiste apenas em conservar os seus títulos nobiliárquicos, em uma tentativa de se garantir a permanência ociosa dos seus privilégios sociais, e não a ascética busca pela elevação moral diante das situações que requerem a manifestação da bravura e da dignidade, atitudes que servem de esteio para os seus vassalos e para toda a nação.

Dentre os nomes de sua distinta estirpe, Gonçalo, nas suas investigações historiográficas, enfatiza em especial a figura de Trutesindo Ramires, heroico cavaleiro medieval, nobre renomado por sua enorme valentia e coragem diante das adversidades belicosas de sua vida, servindo lealmente à coroa portuguesa. Perante os seus desafios guerreiros, Trutesindo Ramires, não renegava o confronto contra os seus mais ferozes

opponentes, honrando assim o digno nome que portava consigo e glorificando a fé cristã perante os muçulmanos. Afinal, a vida de um homem nobre se constitui não através da transmissão hereditária de um nome, na vida opulenta da corte, nas futilidades palacianas, mas justamente na luta por fins altruísticos, como, por exemplo, os esforços dedicados pela liberdade da pátria e pela sua crença religiosa. A nobreza de Trutesindo se constituía assim ela afirmação vigorosa de sua força e na sua dedicação pela elevação da casa portuguesa diante das ameaças externas.

Em uma postura diametralmente oposta, Gonçalo, apesar de nalgumas partes da narrativa demonstrar um comportamento generoso e magnânimo para com seus interlocutores, manifesta, na maior parte do tempo, um caráter débil e hesitante diante das situações que requerem a expansão de sua força. Tanto pior, Gonçalo se utiliza de subterfúgios discutíveis para que o esplendor de sua casa permaneça altaneiro. Esse distúrbio decorre justamente da influência negativa do fantasma da tradição nobre da família Ramires no coração de Gonçalo, o qual, na medida em que desvenda os detalhes dos feitos elevados de seus ancestrais, se deprime de maneira considerável, perdendo qualquer vínculo com a atividade criadora.

O conhecimento histórico, quando impede o desenvolvimento das forças vitais e criadoras do homem, deve ser prontamente descartado, para que não possa motivar maiores transtornos na vida prática. No caso de Gonçalo, o brilho do passado glorioso o impede de agir da maneira necessária, pois ele retira toda a sua parca felicidade do ato de contemplação dos tempos idos, que somente existem enquanto legado afetivo em sua memória. A recordação doentia do passado longínquo, considerado como o tempo no qual existia a autêntica dignidade, é uma agressão terrível ao homem de ação, pois retira deste o seu mais importante valor, a possibilidade de, no presente, favorecer o desenvolvimento de ações magistrais.

A discordância entre o passado monumental e o presente medíocre torna Gonçalo um homem pusilânime, incapaz de fazer prevalecer o seu valor diante de seus detratores. Em diversos pontos da narrativa de Eça de Queirós, vemos o protagonista passando atribulações morais diante de um patife desrespeitador, Ernesto de Nacegas, que em suas afrontas coloca em questão o valor e a dignidade do fidalgo. Quando acontecem esses maus encontros, Gonçalo vê suas desorganizadas forças vitais se dissiparem completamente, de maneira que o seu ofensor, um embrutecido homem de estirpe menor, acaba por fazer prevalecer a sua presença moral, invertendo as ordens sociais. Trata-se de

uma situação que podemos considerar como relativamente inconcebível numa situação normal, pois um homem nobre, ciente de sua dignidade e imponência, jamais permitiria que ocorresse a manifestação de tal insolência, sobretudo pelo fato do homem agressor ser desprovido de qualquer compostura.

A tarefa de um fidalgo, nesse caso, consistiria em suprimir os impropérios de uma pessoa tão leviana, não através da arrogância, mas sim pela imposição de uma conduta ativa, que humilhasse moralmente o falso soberbo. O homem nobre prima acima de tudo pela honra, e o ato de fazer calar um indivíduo inconveniente nada mais é do que exercer o seu direito de legislar sobre a insignificância da massa vulgar. Entretanto, Gonçalo se acovarda em diversos momentos diante de seu antagonista, numa espécie de inversão de papéis axiológicos: ele acaba se tornando o inferior, o “servo”. A covardia é incompatível com a virtude nobre da ação gloriosa. As interações ruins de Gonçalo com seu opositor impossibilitam ainda mais a ampliação de sua potência de agir, travada continuamente por sua insatisfação consigo próprio, decorrente, conforme vimos, pela exaltação desmedida da figura de seus heroicos ancestrais cuja sombra obscurece sua própria existência atual.

Nessa comparação entre um herói do quilate de Trutesindo e o “teórico” Gonçalo, podemos dizer que este não é merecedor nem mesmo de ficar à sombra do valoroso nobre medieval. A distância moral entre ambos é tão extensa que poderíamos mesmo indagar se porventura Gonçalo integra a valorosa dinastia Ramires. Nessas condições, Gonçalo parece portar consigo apenas o anêmico reflexo da história gloriosa de sua egrégia família:

Seu pai ainda fora o bom Ramires destemido – que na falada desordem da romaria da Riosa avançava com um guarda-sol contra três clavinas engatilhadas. Mas ele... Ali, no segredo do quarto apagado, bem o podia livremente gemer – ele nascera com a falha, a falha de pior desdouro, essa irremediável fraqueza da carne, que, irremediavelmente, diante de um perigo, uma ameaça, uma sombra, o forçava a recuar, a fugir... A fugir dum Casco. A fugir dum malandro de suíças loiras que, numa estrada e depois numa venda, o insulta sem motivo, para meramente ostentar pimponice e arreganho. Ah, vergonhosa carne, tão espontadiça!²⁷⁰

Contudo, após passar por toda uma série de percalços e situações atribuladas que poderiam colocar em dúvida se realmente Gonçalo seria digno do passado que herda em seu sangue, o decadente fidalgo enfim se torna capaz de honrar o glorioso nome da sua

²⁷⁰ EÇA DE QUEIROZ, *A ilustre casa de Ramires*, p. 203.

família, pois o conhecimento dos grandes feitos de seus ancestrais serviu finalmente de estímulo para a atividade. Tal reviravolta ocorre quando Gonçalo, após se deparar mais uma vez na narrativa com o seu rude antagonista de baixo estrato social, Ernesto de Nacegas, ao invés de se retrair covardemente como até então o fazia, impõe vigorosamente a sua força sobre esse estúpido rival, prevalecendo na disputa ao impor ao maganão um grande corretivo: algumas chicotadas que deitam por terra a infame arrogância desse rude leviano. Ernesto de Nacegas, a partir de suas impertinências para com o plácido Gonçalo, encarna o sujeito do ressentimento, estúpido, tacanho, que somente encontra satisfação em sua vida mediante os incômodos provocados em outrem; é como o mosquito que irrita o leão, mas o grande problema é que muitas vezes o mosquito desnorteia a atenção do leão.

Gonçalo, um homem tão pacato e polido, qualidades socialmente louváveis (mas que em algumas circunstâncias devem ser suspensas em prol da afirmação da vida), necessitou agir com energia para que a ordem se estabelecesse. Não adianta querer a paz absoluta e assim não se envolver em contendas e por causa disso se chafurdar na miséria existencial e na depressão moral. A perpetuação do estado de paz, mantida em condições adversas para o sujeito oprimido, em verdade amplia sua própria decadência existencial e dominação, circunstância que exige a afirmação do ímpeto guerreiro latente no âmago em ações violentas. Podemos dizer que a transformação da Gonçalo não é apenas de uma vitória no plano concreto, mas o renascimento do espírito nobre que estava recalçado sobre densas camadas da mediocridade. A violência de Gonçalo contra o grosseiro campônio não foi um ato de ressentimento, mas a expansão natural das suas forças vitais, circunstância que Nietzsche esclarece convenientemente:

– Exigir da força que não se expresse como força, que não seja um querer-dominar, um querer-vencer, um querer-subjugar, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força.²⁷¹

Essa elevação moral faz com que Gonçalo sinta no seu coração a importância do legado dos Ramires na constituição da honra portuguesa no decorrer das eras. Certamente que os seus ancestrais obtiveram vitórias muito mais extraordinárias e importantes para o destino glorioso de Portugal do que ele, um fidalgo dos tempos modernos, cujo modo de

²⁷¹ NIETZSCHE, **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 36.

viver se caracterizou pelo olvido e afastamento da dignidade monumental dos seus antepassados. Todavia, essa superação do estado de inércia que até então Gonçalo se encontrava é uma demonstração de que a heroica pujança da família Ramires permanece ainda preservada da ação corrosiva do tempo e da ausência de memória entre grande parte do povo, preocupado em especial apenas com a satisfação dos seus interesses materiais mais imediatos.

A partir da vitória contra o seu grande entrave moral, Gonçalo passa a compreender a vida através de uma perspectiva completamente diferente, conforme o próprio Eça de Queiroz ressalta na parte final da obra. Gonçalo Ramires, que até então agia como o camelo nietzschiano tal como enunciado em *Assim falou Zaratustra*, como o tipo humano que carrega o fardo da moral, da erudição do conhecimento histórico, da poeira das bibliotecas, deixa aflorar o leão que estava latente em seu âmago: “Não-farás chama-se o grande dragão. Mas o espírito de leão diz eu ‘quero’”.²⁷² Gonçalo tinha medo de agir, de expressar sua potência, e em um ato de coragem se liberta dos seus grilhões morais. Aliás, não é a toa que muitas famílias nobres portam em seus brasões a imagem do leão, animal glorioso, vitorioso, corajoso. Eliminando a opressão do peso histórico de sua família sob suas costas fatigadas, Gonçalo renova suas forças vitais, adquirindo simbolicamente a vivacidade de uma criança tal como apresentada por Nietzsche:

Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começar, um jogo, uma roda a girar por si própria, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim. Sim, para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer-sim: o espírito quer agora sua vontade, o perdido para o mundo conquista seu mundo.²⁷³

A existência de Gonçalo adquire um novo significado axiológico, decorrente da sua feliz possibilidade de viver sob a égide do heroísmo. Gonçalo renasceu como homem, mesmo que permanecendo em um corpo adulto. Além dessa transformação existencial, o portentoso escrito que Gonçalo redigia com tanto afinco finalmente é terminado com êxito e recebe o justo acolhimento da comunidade literária, fato este que, somado ao

²⁷² NIETZSCHE, **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 28.

²⁷³ NIETZSCHE, **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**, 2011, p. 28-29.

reconhecimento popular, acaba por favorecer a sua promoção ao tão almejado cargo político. Podemos dizer que, enquanto não afirmara adequadamente a sua potência de agir, Gonçalo se acovardava diante do fantasma luminoso de seu grande ancestral Trutesindo Ramires, numa situação indigna de um homem dotado de sangue nobre. Todavia, ao reverter essa incômoda situação de apatia, o Fidalgo da Torre venceu o triste estado de declínio no qual até então encontrava e, mesmo vivendo em uma época que prescinde dos heróis gloriosos do passado, atua, ele mesmo, como um moderno herói de uma sociedade em vertiginoso processo de transformação axiológica e material, fazendo assim com que os valores nobres da vida permaneçam sempre extemporâneos.

Considerações finais

Pretendi, ao longo deste escrito, realizar uma possível interpretação de uma obra literária por meio da perspectiva de Nietzsche acerca do problema do excesso de o conhecimento histórico para o florescimento da vida criativa. Justifico tal empreendimento filosófico pela grande riqueza que considero existir no estabelecimento de um frutífero diálogo entre a Filosofia e a Literatura. Dessa maneira, conforme exposto, as questões levantadas por Nietzsche sobre os benefícios e malefícios decorrentes do uso do conhecimento histórico na condução da vida individual e da consciência social de um povo ilustram perfeitamente o caso do personagem Gonçalo Ramires tal como delineado pela genialidade de Eça de Queiroz.

Enquanto Gonçalo não conseguia criar um vínculo afirmativo entre o conhecimento do passado e a ação de exceção no presente, a consciência histórica se tornava prejudicial para a sua vida, pois a recordação dos feitos de seus ancestrais sufocava seu ímpeto para a atividade; por outro lado, quando Gonçalo, ao conhecer detalhadamente os momentos extraordinários do passado de sua família e suas contribuições para o progresso sociopolítico de Portugal, se propõe a dar continuidade ao nome valoroso de sua nobre origem, esse conhecimento serve de estímulo para a sua ação criadora. Desse modo, manifestando grandes ressonâncias com a proposta capitaneada por Nietzsche na sua *Segunda Consideração Intempestiva*, o personagem do romance de Eça de Queiroz conseguiu utilizar o conhecimento da História como motor para a ação e, conseqüentemente, para o florescimento de uma vida regida pelos signos da singularidade.

Referências:

- EÇA DE QUEIRÓS J. M. **A ilustre casa de Ramires**. São Paulo: Ática, 1999.
- HEGEL, G. **Filosofia da História**. Trad. de Maria Rodrigues e Hans Harden. Brasília: EdUnB, 1999.
- . **Princípios de Filosofia do Direito**. Trad. de Orlando Vitorino. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HOMERO. *Iliada*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- . **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- . **Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003a.
- . **III Consideração Intempestiva - Schopenhauer como educador. In: Escritos sobre Educação**. Trad. de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003b.
- ORTEGA Y GASSET, J. **A Rebelião das Massas**. Trad. de Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SIMMEL, G. **Ensaio sobre Teoria da História**. Trad. de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.
- TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Trad. de Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. da UnB, 1997.